

PRÓLOGO

Sonhos e pesadelos

No meio da madrugada, acordo pensando nela. Pensando nela *de novo*.

O suor escorre pela minha têmpora à medida que tento recapitular todos os detalhes do pesadelo que me invadiu. Não há muita novidade, no final das contas; eu o possuo decorado linha por linha, cor por cor, um espetáculo do qual sou obrigada a participar desde a infância. Principalmente, o rosto dela, que me assombra todas as noites, é um conjunto de traços e belezas único demais para eu me esquecer.

Mas ela nunca está feliz. Não importa o quão impecável sua aparência seja — a escuridão brilhante de seus olhos e fios de cabelo, a pele marrom clara, os lábios carnudos e avermelhados —, ela nunca está feliz. Parece cansada e, pior, aterrorizada. Como se pedisse socorro há muito tempo e ninguém ouvisse. Como se ninguém sequer pudesse ouvir.

Ninguém exceto eu.

Por algum motivo, essa garota é meu pesadelo contínuo desde a infância. Nenhuma alternativa é mais provável do que eu deveria ajudá-la. Além, claro, da loucura que é a explicação para todas as aflições que a medicina ainda não compreende. Mas eu não acho que esteja louca, não a enxergando tão nítida em minha mente, sabendo de cor o tom de sua voz e a maneira que sua boca se movimenta quando diz “*alcance-me*”.

Uso o fósforo para acender a vela ao lado de minha cama, sem disposição para alcançar o interruptor na parede. A chama bruxuleante espanta aos poucos a reminiscência do pesadelo, apagando os gritos, as flores cobertas de espinhos, a queda sem fim e o rosto da garota. Sei que, na próxima

madrugada, ela estará aqui novamente, ao meu encalço, observando-me dormir até que eu acorde num susto.

A sensação de vazio que permanece é a mais agonizante, como se a vela me arrancasse do meu mundo de fantasia à força. Por mais aterrorizante que seja à primeira vista, toda a composição daquele mundo — os gritos, as flores espinhosas, a queda e o resto das cores fluorescentes e criaturas ferozes — ganhou um nome especial nos anos em que me persegue. Eu não sinto *medo*. Quando penso em ir até lá, desvendar seus segredos e ajudar a misteriosa garota, fico maravilhada.

Portanto, chamo carinhosamente esse mundo de País das Maravilhas.

E, a título de curiosidade, como nomes importam tanto, o meu é Alice. Potencialmente louca, inimiga de formalidades e amante de espaços inexplorados. Alice Liddell.

CAPÍTULO 1

Pela toca do coelho

O clichê é que há seis coisas impossíveis a se fazer antes do café da manhã. No meu caso, é tarde demais para tomar uma atitude drástica antes do café da manhã, então mudo silenciosamente o ditado para seis coisas impossíveis a se fazer antes do jantar.

A primeira delas é fugir de um baile e perseguir um coelho branco de terno e relógio.